

Desinformação na era digital - Relação dos idosos com as fake news

 *Gabriela Gomes*

gabrielagomesf99@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-3636-5762>

ISCAP, Instituto Politécnico do Porto

P. PORTO
ISCAP

Revista Técnica de
Tendências em
Comunicação
Empresarial

Resumo

A era digital é caracterizada pelo surgimento de tecnologias que otimizam fluxos de informação, quebram fronteiras e revolucionam a forma como a sociedade interage e comunica. A informação passa a estar integrada numa rede complexa, disponível a todos, na qual o cidadão tem um papel ativo como fornecedor de dados. A era digital exige assim flexibilidade e abertura para a aprendizagem de novas competências, especialmente para as gerações mais envelhecidas. Em Portugal, o índice de envelhecimento da população aumentou em média 3,6% entre os anos de 2015 a 2020. A literacia digital constitui-se como um fator essencial para inclusão, segurança, conforto e impermeabilidade dos idosos à desinformação que por sua vez pode originar consequências expressivas e até irreversíveis.

Palavras-chave: era digital, literacia digital, idosos, desinformação, *fake news*

Abstract

The digital age is characterized by the emergence of technologies that optimize information flows, break down barriers, and revolutionize the way society interacts and communicates. Information is integrated into a complex network, available to everyone, in which citizens have an active role as data providers. The digital age demands flexibility and openness to learning new skills, especially for older generations. In Portugal, the aging index of the population increased by an average of 3.6% between 2015 and 2020. Digital literacy is essential for the inclusion, security, comfort, and impermeability of seniors to misinformation, which in turn can lead to significant and even irreversible consequences.

Keywords: Digital era, digital literacy, elderly, misinformation, fake news.

Era digital

Os avanços tecnológicos provenientes da revolução industrial deram origem à, hoje reconhecida, era digital. Caracterizada pela incorporação de tecnologias capazes de quebrar fronteiras, otimizar fluxos de informação e revolucionar a forma como a sociedade interage e comunica, a era digital revela-se um aspeto indissociável da vida contemporânea capaz de influenciar a cultura, política, economia e educação.

A informação passa a estar integrada numa rede complexa na qual é recebida, tratada e posteriormente transformada em conhecimento que se encontra à disposição de todos. O cidadão comum assume, portanto, um papel ativo como fornecedor de dados, transcendendo assim o papel de mero expectador que lhe era familiar até então. Em traços gerais, a informação passa a estar enquadrada num processo declaradamente mais participativo e plurilateral.

A desmonopolização dos veículos de comunicação conhecidos até então dão lugar à liberdade e autonomia agora detida pela sociedade para produzir os seus próprios conteúdos e, conseqüentemente, proliferá-los através dos meios que considerem mais convenientes.

Analogamente ao que historicamente se tem verificado a par das diferentes etapas de evolução da sociedade, a era digital arrecada alguns desafios que exigem flexibilidade e abertura para a aprendizagem de novas competências por parte da sociedade. Exemplos disso são as competências técnicas e informáticas que, contrariamente ao que se possa pensar, não são inatas para todas as faixas etárias da sociedade.

Se, por um lado, para as novas gerações o uso de tecnologias e da web é uma aprendizagem que se adquire de forma orgânica desde a primeira infância, o mesmo não se verifica em gerações mais envelhecidas, nomeadamente na população idosa.

Idoso, em Portugal, é considerado pessoa com 65 ou mais anos.

Tal facto, aliado à realidade da estrutura demográfica portuguesa, permite-nos concluir que uma expressiva fração da sociedade é constituída por cidadãos não nativos da era digital.

A evolução demográfica em Portugal - População envelhecida

Segundo dados recolhidos através do Pordata, é possível verificar um aumento do índice de envelhecimento da população portuguesa.

Mais especificamente, entre os anos de 2015 e 2020, Portugal registou uma taxa de crescimento médio anual do índice de envelhecimento na casa dos 3,6 por cento fazendo com que existam duas vezes mais idosos do que jovens. A base da pirâmide estreita com a diminuição do número de jovens à medida que o topo se alarga com o aumento do número de idosos.

De acordo com Freitas (2011), “Deve-se a uma transição demográfica, ou melhor, à passagem de um modelo demográfico de fecundidade e mortalidade elevadas, para um modelo em que os dois fenómenos são baixos.”

Literacia digital – conceito e relevância

É primordial clarificar este conceito-chave para posterior aprofundamento da temática em discussão. Por literacia digital, também reconhecida como alfabetização digital, entende-se não só a capacidade para desempenhar, de forma efetiva, tarefas em ambiente digital, bem como a compreensão e participação em redes colaborativas via Web considerando fontes e formatos diversos.

Assim, o conceito mobiliza diferentes competências, experiências e vivências ultrapassando um domínio meramente instrumental e assumindo um conceito mais abrangente e global no qual o pensamento crítico assume-se como um fator determinante para a sua detenção.

Alguns dos aspetos que são necessários ter para deter literacia digital são, segundo a perspetiva de Loureiro (2012) “Desta forma, ser-se *digitally literate* pressupõe: saber como aceder a informação e saber como a recolher em ambientes virtuais/digitais; gerir e organizar informação para a poder utilizar no futuro; avaliar, integrar, interpretar e comparar informação de múltiplas fontes; criar e gerar conhecimento adaptando, aplicando e recreando nova informação; comunicar e transmitir informação para diferentes e variadas audiências, através de meios adequados.”

Considerando a anteriormente mencionada população idosa e a relação inorgânica que estabelece com as competências digitais fruto de questões geracionais, importa destacar o papel fulcral e imprescindível da literacia digital que apresentaria vantagem não só ao nível de competência técnica, bem como no combate ao fenómeno da solidão muitas vezes desencadeado por problemáticas associadas à baixa autoestima, ou seja, contribuiria também para a ressignificação pessoal desta fração da sociedade.

Em suma, é impreterível entender que, para que esta faixa etária possa estar integrada no mundo atual e nas suas exigências, é necessário que seja detentora das competências e conhecimentos necessárias que garantam a sua inclusão, segurança, conforto e impermeabilidade à (des)informação.

(Des)informação

As mudanças e progressos no panorama informativo das últimas décadas favoreceram a dissipação da desinformação. Por definição, desinformação diz respeito ao “ato ou efeito de desinformar, de suprimir uma informação, de minimizar a sua importância ou de modificar o seu sentido.” Não obstante a definição do termo, é seguro afirmar que o fenómeno é complexo e comporta várias particularidades sendo, aliás, tema de discórdia e alvo de diferentes análises entre autores.

De acordo com (Serrano, 2010, p.31) e citado por Brisola (2018), “os mecanismos de desinformação e manipulação são mais complexos que a mentira grosseira”. O autor acrescenta ainda que o fenómeno “(..) não se trata de uma simples ação, e sim de um complexo de ações que constroem um cenário intencionalmente determinado. Desinformação envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde. A desinformação não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade.”

Sob a perspetiva do autor, os media desempenham um papel considerável na propagação da informação fazendo uso contínuo e intencional de métodos que distorcem e manipulam factos com o objetivo de homogeneizar a opinião pública. Um

dos exemplos de métodos utilizados é a linguagem que disfarçada de neutralidade, arrasta consigo parcialidade, envolvimento e visa atender interesses privados.

A velocidade a que a informação enviesada é disponibilizada nas diversas plataformas ganha forma sob o nome de fake news.

Fake news- definição, características e implicações

Em português, notícias falsas, o termo diz respeito a um fenómeno do mundo contemporâneo. Alcançou popularidade e força em 2016 no decorrer das presidenciais americanas durante as quais diversos conteúdos falaciosos sobre a candidata Hillary Clinton foram partilhados pelos apoiantes do seu principal opositor, Donald Trump.

Não obstante a força que o termo adquiriu em 2016, a prática tem, no entanto, origem histórica tendo apenas sido modificada, ao longo do tempo, a sua nomenclatura.

O potencial das *fake news* está estritamente relacionado com o contexto cultural e político que se vivencia. De acordo com Alves (2020), “ (...) vivenciamos em grande parte do mundo, marcado por radicalizações políticas e por uma espécie de guerra ideológica que divide a sociedade em grupos antagónicos e rivais. Esse contexto está marcado por grandes incertezas e medos diversos, por crises económicas cíclicas e pela desconfiança nas instituições políticas e mediáticas.”.

É sobre a perspectiva de uma sociedade descrente nas suas principais instituições que a realidade das *fake news* ganhou estrutura e máxima expressão nos últimos anos.

Ainda que o fenómeno esteja amplamente relacionado com a desinformação, é importante clarificar que possui diferentes características, nomeadamente ao nível da formatação e, principalmente, intenção. As *fake news* são intencionalmente produzidas para influenciar e manipular a opinião pública sobre temas estruturais da sociedade como é o exemplo da política. Podem ainda, à semelhança do exemplo anteriormente mencionado, servir para descredibilizar pessoas, entidades ou organizações.

As *fake news* fazem uso indiscriminado de temáticas elementares com o objetivo de disseminar opiniões e posições que, muitas das vezes, corroboram preconceitos e interpretações erróneas que os recetores já tem sobre determinados assuntos.

O conteúdo falacioso destas mensagens é criado de forma pensada e intencional para que possa despertar no seu leitor emoções fortes como a raiva, medo, revolta e indignação que servem de estímulo para a sua posterior partilha tornando o conteúdo mais viral.

A quantidade de informação produzida e disseminada pelos meios é desproporcional à capacidade que os seus recetores têm para a receber, interpretar criteriosamente e posteriormente refletir.

Outro aspeto curioso que ocorre neste fenómeno diz respeito à sua terminologia, mais especificamente à palavra *news* (em português, notícia). A associação do conceito de notícia como fonte jornalística credível, coloca em causa todo o seu valor.

Segundo Da Silva Gomes (2019) “Com isso, se implica, aqui, a autoridade e a credibilidade da instituição do jornalismo e dos seus processos de produção de relatos autorizados e dotados de credibilidade sobre os fatos da realidade. Não são quaisquer

relatos falsos, mas contrafações do próprio jornalismo. E isso não apenas porque o jornalismo, reconhecidamente, é uma atividade e uma instituição essencialmente vinculada à produção de relatos factuais. Outras instituições, como a ciência, também o são. Trata-se, então, principalmente, do fato de que o jornalismo é considerado como o lugar por antonomásia das narrativas factuais sobre a atualidade, sobre o que está acontecendo no mundo (..)”

Dito isto, as *fake news* disfarçadas de notícias (no seu sentido real e efetivo) podem originar diversas consequências, tais como: disseminação de informação falsa, dificuldade do processo de decisão individual e coletiva, prejuízo à credibilidade dos meios de comunicação, conflitos interpessoais, ameaça ao sistema democrático e, ainda, ameaça à reputação.

Vulnerabilidade da população idosa – relação com as fake news

Referenciados anteriormente como a faixa etária mais distante da realidade digital, os idosos apresentam-se como o público mais vulnerável ao fenómeno das *fake news*. Expostos a uma realidade díspar da que conheciam até então, são obrigados a adaptarem-se rápida e eficazmente a novas ferramentas e novos meios de veiculação de informação/notícias.

Também as competências e técnicas exigidas se alteraram significativamente. De acordo com Okada (2018) “A relação entre ser humano e máquina, passa da complexidade de apenas manuseio, e é observada em relação à como cada indivíduo lida com o fluxo de informações, a interpretação relativa e os impactos, que por sua vez são potencializados ao entrar em contato com uma faixa etária acima dos 60 anos.”

Um dos principais fatores que sustenta a tese de maior vulnerabilidade dos idosos face à desinformação e *fake news* está relacionado com a complexa componente biológica subjacente ao processo do envelhecimento.

Embora o processo não seja homogéneo e imune a variações, é inegável que, ainda que em diferentes níveis e intensidades, engloba alterações não só físicas mas também psíquicas e sociais que, juntas, originam o gradual declínio de todas as funções. Outro aspeto fulcral que deve ser realçado quando analisamos esta temática concerne ao fenómeno da solidão. O fenómeno ganhou, nos últimos anos, relevância paralelamente à nova realidade demográfica assistida em Portugal. Segundo Freitas (2011) “As expectativas que cada idoso tem relativamente aos contactos sociais determina o seu sentimento de solidão. É um sentimento subjetivo, relacionado com a qualidade da interação social e não com a quantidade dos contactos estabelecidos.”.

Num panorama global em que a população idosa apresenta sinais evidentes de solidão e carência de contatos sociais capazes de satisfazer suas necessidades de associação e interação com outros, aliado à evolução da tecnologia e da web, com especial foco nas redes sociais, os idosos encontram agora um espaço (aparentemente) seguro onde, à distância de um clique, conseguem estar integrados e informados. A web, e em específico as redes sociais, assumem assim um papel fundamental no quotidiano da geração idosa contribuindo para a sua inserção no mundo digital. Permitem, de modo conveniente, fácil e direto a comunicação com outros mesmo que fisicamente distantes ou limitados e permitem também a partilha de histórias, testemunhos e memórias com uma audiência ampla composta por

familiares, amigos ou, até mesmo, desconhecidos com quem existam interesses comuns.

Esta facilidade no processo comunicativo é o estímulo principal para que esta faixa etária sinta vontade de continuamente explorar novos conteúdos, inserir-se em grupos de interesse e realizar novas conexões, alargando assim, a sua presença e interatividade nas redes. Mas, de que forma, se relacionam com as *fake news*?

A verdade é que o contacto com este tipo de conteúdo pode acontecer de duas formas: direta e indiretamente.

Direta- Acontece quando é a própria população idosa que faz uso das tecnologias e das redes sociais disponibilizadas na web é confrontada com o conteúdo em causa.

Indireta- Acontece quando são os familiares ou círculo social próximo que transmite a mensagem (falaciosa).

Neste último exemplo, as repercussões são igualmente negativas uma vez que a veracidade do conteúdo não é questionada por se tratar de uma fonte (à priori) segura e credível. Outro ponto igualmente importante correlaciona-se com o facto de a mensagem estar sujeita à interpretação e julgamento pessoal do mediador da informação que inevitavelmente é transportada para o recetor.

Conclusão

Em conclusão, a passagem para a era digital trouxe grandes avanços e transformações que motivaram e revolucionaram a forma como a sociedade comunica e interage. Os desafios que daí advieram obrigaram a que a sociedade demonstrasse abertura a adquirir novas competências, como a literacia digital. É fundamental que todos possam aceder e compreender a informação que circula na web, incluindo a (vulnerável) população idosa.

Tendo em conta a realidade demográfica portuguesa e o aumento do índice de envelhecimento da população, considero crucial e urgente que sejam desenvolvidas ações estratégicas que procurem promover a literacia digital entre a população com especial enfoque nos idosos. Este tipo de ações capacitaria e integraria esta faixa etária nas exigências do mundo contemporâneo.

Considero também fulcral que os meios de comunicação, através dos seus diversos formatos, invistam na produção e promoção de ações de *fast checking*.

Fast checking diz respeito a um confronto entre uma determinada história com dados, pesquisas e registos que podem, ou não corroborar a tese. Tem como principal objetivo apurar a verdade jornalística e combater as fake news.

O desenvolvimento deste tipo de dinâmicas traçará o caminho para uma realidade cada vez mais próxima da utopia de um ambiente digital seguro, credível e ausente de (des)informações.

Referências

- Alves, M. A. S., & Maciel, E. R. H. (2020). O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. *Internet & sociedade*
- Brisola, A., & Bezerra, A. C. (2018, October). Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. In *XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIX ENANCIB)*
- da Silva Gomes, W., & Dourado, T. (2019). Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 16(2), 33-45
- Freitas, P. D. C. B. D. (2011). *Solidão em idosos: percepção em função da rede social* (Doctoral dissertation)
- Loureiro, A., & Rocha, D. (2012, December). Literacia digital e literacia da informação-competências de uma era digital. In *Atas do ticEDUCA2012-II Congresso Internacional TIC e Educação* (pp. 2726p-2738p). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa
- Okada, T. C. R., & Delbianco, N. R. (2018). Fake News: impactos e desafios enfrentados pela terceira idade
- PORDATA (2023). Índice de envelhecimento e outros indicadores de envelhecimento segundo os Censos online]. <https://www.pordata.pt/portugal/indice+de+envelhecimento+e+outr+os+indicadores+de+envelhecimento+segundo+os+censos-525>